

1 Introdução

A vertiginosa revolução que vem ocorrendo nas chamadas tecnologias de informação e comunicação (TICs) no último século e início deste, tem trazido consigo uma sociedade em mudanças. Para absorver, acompanhar e usufruir destas revoluções, a sociedade organiza-se de formas diferentes, passa a produzir de formas diferentes, a entreter-se de formas diferentes, enfim, há mudanças em todos os níveis: social, econômico, cultural...

A revolução destas tecnologias também alterou profundamente o nível da comunicação. Hoje em dia, é quase possível saber o que acontece no mundo praticamente em tempo real, além de ser possível falar, e mesmo ver pessoas que estão muito distantes de nós. As fronteiras físicas têm sido facilmente transpostas com o advento da internet, das webcams e de programas como o Skype¹, por exemplo.

Diante de tantas transformações, a escola precisa rever seu papel. Como instituição social responsável pela educação formal dos indivíduos, este espaço também vem passando por mudanças ou, pelo menos, deveria estar fazendo parte delas. O ensinar e o aprender vêm ganhando contornos diferentes de outros tempos, com especial destaque para a preocupação com a formação de um novo tipo de indivíduo e trabalhador exigido por esta nova sociedade da informação e da comunicação. Hoje, espera-se que a escola forme indivíduos dotados de competências técnicas diversas, capaz de trabalhar de forma cooperativa, flexível e adaptável a uma variada gama de situações e, principalmente, capaz de aprender a aprender.

A presença maciça da tecnologia em esferas diversas da vida das pessoas (trabalho, lazer, dentro de casa) vem modificando inclusive as relações e interações sociais. Nosso contato com o mundo passa a ser mediatizado pelas mensagens veiculadas pelas mídias, através destas variadas tecnologias. Para Belloni (2001) isso tem gerado uma mecanização da vida em geral, já que o lazer, a cultura, a vida doméstica têm sido invadidos por objetos e aparelhos eletrônicos. Por outro lado, as mídias fazem circular informações, saberes, conhecimentos... a

¹ Skype é um programa de computador que funciona como um telefone. Basta que o computador possua um modem, microfone e caixas de som conectados. Assim, com custo zero, é possível conversar com pessoas em qualquer lugar do mundo, através do computador.

partir de tantas fontes diferentes e com tanta velocidade que fica até difícil acessarmos tudo que elas têm a nos oferecer.

O saber já não se encontra mais, como em séculos passados, cristalizado nas mãos de alguns e restrito à instituição escolar. Disperso e fragmentado, escapa, como que fugidio, passando a estar em todos os lugares, principalmente através das mídias. Aqui, coloca-se, então, uma questão de acesso a estas tecnologias da informação: como fazer com que todos tenham acesso a estas novas forma de comunicação?

Sem dúvida nenhuma, a escola obrigatória, gratuita e de qualidade, deveria ser capaz de prover este acesso, de forma a instrumentalizar, informar, capacitar seus alunos no uso destas novas tecnologias, permitindo-lhes um acesso muitas vezes negado por condições econômicas desfavoráveis.

Além do acesso, uma outra questão educacional que se coloca é de que maneira as novas gerações aprenderão a lidar criticamente com a profusão das mídias em nossa sociedade? Portanto, não basta apenas o acesso, mas, como diz Belloni (idem) um acesso criativo e crítico, que ultrapasse a mera reprodução.

Como a escola vem encarando tudo isso?

Particularmente com relação às mídias e suas mensagens já esta sendo divulgada a idéia de que toda criança tem direito a uma educação para as mídias. A Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança e do Adolescente, de 1989, coloca em seu artigo 13 o direito da criança a liberdade de expressão, incluindo a liberdade de procurar, receber e partilhar informação de todos os tipos, independentemente de fronteiras, sejam orais, escritas ou impressas. Além disso, pesquisas sobre experiências que usam a criação de diversos tipos de mídias na formação de crianças e jovens, congressos e seminários que discutem o tema² têm contribuído para esta idéia de que uma educação voltada para as mídias se faz necessária e urgente hoje em dia.

Aqui, vale a pena mencionarmos as duas principais visões que orientam a chamada educação para as mídias. De um lado, acredita-se que ela deve servir para proteger as crianças de certos conteúdos maléficos da mídia, devendo habilitá-las a dissociar o mau conteúdo, selecionando os de boa qualidade. Essa

² Por exemplo, o Seminário Latino-Americano de Educação – A Escola na Idade da Mídia, ocorrido em 2002 e a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, ocorrida em 2004.

visão traz consigo uma idéia de que o telespectador e consumidor dos produtos midiáticos é uma vítima indefesa das influências quase sempre maléficas dos mesmos, devendo ser “salvo” através da educação. De outro lado, ultrapassando essa visão de consumidor passivo e assumindo uma postura onde os indivíduos elaboram e modificam as mensagens veiculadas pelas mídias de acordo com suas experiências e interesses, está a idéia de que educar para as mídias se faz necessário atualmente por causa de sua entrada e presença maciça na vida das pessoas, possibilitando-lhes o conhecimento crítico das mídias e uma ação transformadora das mesmas. Neste caso, assume-se uma postura de que é preciso não apenas ler mídias, mas produzi-las, isto é, comunicar-se efetivamente numa arena social cada vez mais mediatizada. Esta concepção de uma educação voltada para os aspectos críticos e reflexivos das mídias, incluindo não só sua análise e interpretação, mas sua produção, tem sido chamada de mídia-educação. Esta vem se configurando como um campo novo de pesquisa e ação educativa e sua prática vem sendo cada vez mais difundida em ambientes educativos formais e não-formais.

Tomando como parâmetro o conceito de mídia-educação, esta pesquisa foi buscar em escolas públicas do Município do Rio de Janeiro dados que permitam analisar o uso que tem sido feito dos diversos tipos de mídia nesses espaços. Se dentro das escolas o desenvolvimento de práticas mídia-educativas está condicionado por múltiplos fatores, dentre eles, as políticas escolares, os documentos curriculares, a flexibilização ou rigidez impostas por estes documentos, além de outros, não se pode esquecer aqueles que envolvem professores, sua formação e formas de atuação. Rivoltella (2001) nos alerta para o fato de que se há alguns anos o professor podia escolher entre trabalhar ou não com mídias, hoje esta escolha encontra-se cada vez mais distante, sendo esperado da escola e de seus profissionais uma ação mais contundente nessa direção procurando incorporar as mídias a sua prática cotidiana.

Este estudo está circunscrito a professores especialistas, que atuam em Salas de Leitura Pólo do Município do Rio de Janeiro, em razão das orientações dadas a esses profissionais para uso regular de múltiplas linguagens e meios no trabalho com os alunos, bem como na socialização dos conhecimentos e habilidades recebidos com seus outros professores da Rede.

Ao estudar o trabalho desenvolvido por estes professores desejávamos saber que concepções eles professores têm de mídia, por que escolheram trabalhar com mídia, como aprenderam a utilizá-la, que atividades desenvolvem e em que condições vêm realizando esse trabalho. Acreditamos que, compreendendo melhor a prática docente desenvolvida nesse campo, estaremos contribuindo para a consolidação da mídia-educação como campo de estudo.

No primeiro capítulo deste trabalho, delinearemos o que vem sendo chamado de mídia-educação. Que campo é esse, como se configurou e como tem se apresentado, com suas características e objetivos específicos. Para isso, tomamos como referência as obras de Pier Cesare Rivoltella (2004), David Buckingham (2003) e Maria Luiza Belloni (2001).

No segundo capítulo, fazemos um breve histórico da implementação e organização das Salas de Leitura do município do Rio de Janeiro, abordando as regulamentações que as regem, bem como as orientações dadas aos profissionais que nelas atuam.

No terceiro capítulo, falamos de nossa entrada no campo, nosso primeiro contato com a Divisão de Mídia-Educação da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, apresentando uma visão institucional da mídia-educação e dos objetivos de sala de leitura pólo, através da diretora da DME, e tentando estabelecer possíveis relações entre o discurso da instituição e o que consta nos documentos oficiais.

No quarto capítulo, apresentamos a análise do material empírico coletado junto aos professores através de entrevistas e observações de campo, procurando verificar as relações existentes entre as práticas e concepções destes professores e as propostas defendidas atualmente pela mídia-educação.

Por fim, tecemos algumas considerações visando ao levantamento de hipóteses e sugestões para o trabalho dentro das escolas, procurando contribuir para uma educação de qualidade que se volte para os aspectos midiáticos e os desafios que eles têm imposto à sociedade atual.